



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

GIZELE PEREIRA DOS SANTOS

CIÊNCIA, ESCRAVIDÃO E SUBJETIVIDADE EM “A CARNE” DE JÚLIO RIBEIRO

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

GIZELE PEREIRA DOS SANTOS

CIÊNCIA, ESCRAVIDÃO E SUBJETIVIDADE EM “A CARNE” DE JÚLIO RIBEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Gizele Pereira dos.
Ciência, escravidão e subjetividade em "A carne" de Júlio Ribeiro [manuscrito] / Gizele Pereira dos Santos. - 2022.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino ,
Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."
1. Ciência . 2. Escravidão. 3. Subjetividade. 4.
Naturalismo. I. Título

21. ed. CDD 801.95

GIZELE PEREIRA DOS SANTOS

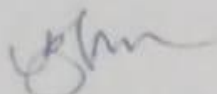
CIÊNCIA, ESCRAVIDÃO E SUBJETIVIDADE EM "A CARNE" DE JÚLIO
RIBEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao curso de
Graduação em Letras Português, da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em Letras.

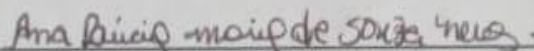
Área de concentração: Literatura
Contemporânea.

Aprovada em: 04/08/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Edson Tavares Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	NATURALISMO E CIÊNCIA EM “A CARNE”	7
3	A ESCRAVIDÃO NA OBRA “A CARNE”	10
4	A SUBJETIVIDADE EM “A CARNE”	14
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
	REFERÊNCIAS	18

CIÊNCIA, ESCRAVIDÃO E SUBJETIVIDADE EM “A CARNE” DE JÚLIO RIBEIRO
SCIENCE, SLAVERY AND SUBJECTIVITY IN “A CARNE” BY JÚLIO RIBEIRO

Gizele Pereira dos Santos

RESUMO

O livro “A Carne”, lançado em 1888, gerou muita repercussão na época devido a sua relação intrínseca com a ciência. Nesse artigo analisamos como a ciência moldou o discurso inserido no livro. Exploramos ainda como a escravidão está inserida no texto. Além disso, discutimos como a subjetividade é abordada na obra. Em um primeiro momento analisamos o discurso científico em “A Carne”, bem como sua inspiração em Émile Zola. Depois, usamos esses conceitos científicos aplicados a escravidão contida no livro. Por último, discutimos a subjetividade em “A Carne”. Nossa análise está ancorada em fragmentos do livro que foram abordados a partir da leitura de autores como Santos (1988), Foucault (1991), Ivano (2009), Coutinho (1986), bem como suas teorizações sobre as categorias discutidas no presente Artigo.

Palavras-chave : Ciência; Escravidão; Subjetividade; Naturalismo.

ABSTRACT

The book “A Carne”, released in 1888, generated a lot of repercussion at the time due to its intrinsic relationship with science. In this article we will analyze how science has shaped the discourse inserted in the book. We will also explore how slavery is embedded in the text. In addition, we will discuss how subjectivity is approached in the book. At first we analyze the scientific discourse in “A Carne”, as well as its inspiration in Émile Zola. Then we will use these scientific concepts applied to slavery contained in the book. Finally, we discuss subjectivity in “A Carne”. Our analysis is anchored in fragments of the book that were approached from the reading of authors such as Santos (1988), Foucault (1991), Ivano (2009), Coutinho (1986), as well as their theories about the categories discussed in this article.

Keywords: Science; Slavery; Subjectivity; Naturalism.

1. INTRODUÇÃO

Com a influência de muitos movimentos sociais como e o aparecimento de várias correntes científicas, surgiu no século XIX o movimento naturalista brasileiro. A efervescência do debate científico e filosófico dominou a segunda metade do século XIX, ancorada na formação de algumas ciências naturais e humanas.

Dentre esses conhecimentos e movimentos, alguns se destacam no surgimento do naturalismo, como o Positivismo de Augusto Comte, que transformou as ciências naturais e seus métodos, além de criar os parâmetros das ciências sociais (posteriormente abandonados). No naturalismo, esse conhecimento criou uma narrativa baseada na racionalidade, abandonando a religiosidade e ou os finais felizes. Esse movimento de busca do natural nos leva a um conhecimento que tomava conta das discussões acadêmicas.

O naturalismo baseou-se também no darwinismo, teoria da evolução das espécies que demonstrou através de estudos que existe uma seleção natural e que essa decide se uma espécie se extinguirá ou não. Apoderando-se dessas ideias, alguns pensadores como Lombroso, Galton e Spencer, começaram a utilizar essa teoria para medir as relações entre os povos, criando o que seria chamado de darwinismo social. Esse darwinismo social deslocava para os seres humanos e suas sociedades a lógica da evolução biológica. Além disso, traçava uma linha onde estavam os civilizados, e além dela estava a barbárie. Nesse contexto, vemos a condenação de tudo que não era europeu como barbárie. E é nesse ponto que percebemos como as populações não européias exploradas saíram de uma condição de subjugação\submissão com justificativas religiosas para uma com justificativas “racionais”.

Nessa seara se acrescentava o marxismo, que passa a enxergar o mundo em uma guerra de classes, em que os mais abastados dominam os mais pobres, através da economia e do sistema capitalista e vem condenar a religião como o ópio do povo, demonstrando também uma ideia de racionalidade aplicada, abandonando a metafísica Hegeliana.

Dessa maneira, suscita a seguinte questão: Como esses discursos científicos predominantes da época influenciaram o surgimento do movimento naturalista e a escrita do romance “A carne”, de Júlio Ribeiro? Visto que o livro é um dos grandes nomes do movimento naturalista no Brasil, mas com poucos estudos que abranjam a ciência do século XIX em sua constituição.

A partir daí, elencamos três grandes preocupações acerca do livro, sua produção e sua recepção baseadas na produção de conhecimento científico da época. A primeira se baseia em como os discursos científicos ou científicistas influenciaram na construção do romance “A carne”. Em qual medida a atmosfera científica influenciou a obra? Ou seja, neste primeiro ponto, tentaremos aferir como o momento histórico nas ciências naturais ajudou o autor a produzir seu livro.

Já no segundo tópico iremos discutir as próprias teorias científicas e científicistas através da abordagem do tema Escravidão pela narrativa da obra,

iremos abordar os preconceitos e o sadismo de alguns personagens em relação aos escravizados negros. Ainda trataremos da religião afro-brasileira no contexto da visão do final do século XIX.

Em um terceiro ponto iremos nos debruçar sobre a influência da subjetividade dentro da obra "A Carne", pois mesmo que tentassem suprimir a ideia de subjetividade em seus textos, os naturalistas se depararam com princípios e narrativas subjetivas contidas em suas escritas. Assim, vamos analisar como isso se encontra dentro de sua *Magna Opus*.

Essa pesquisa surge das minhas inquietudes ao ler o romance "A carne" de Júlio Ribeiro, principalmente em relação aos discursos científicos ou científicistas inculcados na obra. Isso me levou a pensar no momento histórico em que o texto foi escrito e a partir daí surgiram várias perguntas em torno do tamanho da influência dos discursos científicos da época. Ainda nessa perspectiva, vemos que é relevante à academia se debruçar sobre os discursos que moldaram as escritas do naturalismo brasileiro e como esses discursos científicos e pseudo-científicos moldaram políticas sociais e a cultura do final do século XIX. Outro ponto importante é que uma sociedade contemporânea como a nossa necessita cada vez mais de estudos sobre as influências de discursos sobre a produção cultural, pois vivemos em um mundo onde a cultura pop é cada vez mais distribuída de maneira utilitária. Diante disso, considero importante entender os meandros que moldam a cultura que é consumida pela população.

A obra em análise foi lançada em 1888, estávamos na monarquia, ano da lei áurea, ou seja, o contexto de publicação era de intensa mudança política e de efervescência cultural.

Diante do exposto, faz-se necessária a apresentação do autor e um breve resumo da obra: Júlio César Ribeiro Vaughan foi um escritor e gramático brasileiro que nasceu na cidade de Sabará - MG em 16 de abril de 1845, foi patrono da 24ª cadeira da academia brasileira de letras e faleceu na cidade de Santos- SP em 1890.

Dois anos antes de sua morte, Júlio Ribeiro publicou o romance "A carne", que tem como protagonista o casal Lenita e Barbosa e se passa em uma fazenda escravista no interior da província de São Paulo. Ambos os personagens eram fortes estudiosos da ciência, assunto que se alongará por todo o romance. Lenita era uma moça rica que teve uma educação à frente de seu tempo e não queria se casar, ficando órfã, vai morar na fazenda de um velho amigo de seu pai e conhece Barbosa, o filho do fazendeiro.

Barbosa era amante das ciências e fazia longas viagens, tinha se desquitado de uma moça que conhecera na França. Mesmo contrariando a sua própria moral, o amor pela ciência acaba por unir o casal que não resiste e acaba se entregando aos desejos carniais. Um romance polêmico que aborda a questão do divórcio, a intelectualidade e sensualidade feminina, os estereótipos culturais e sociais acerca do amor e do sexo e o papel da mulher na sociedade. Lenita e Barbosa vivem um romance escondido, a moça encontra uma caixinha no quarto do amante e conclui que o rapaz era um mulherengo. Grávida, Lenita aproveita a ausência de Barbosa e foge para São Paulo.

Ao retornar á fazenda, o intelectual não encontra a amada e se entristece. Lenita envia uma carta contando o ocorrido e que encobria seu erro casando com outro. Barbosa se sente traído e comete suicídio.

Estando apresentado o tema, os objetivos, as justificativas, o autor da obra analisada, bem como a sinopse da mesma, adentraremos na pesquisa em si, sempre cuidando de nos ancorar na teoria, bem como na leitura da obra e no contexto histórico da publicação.

2. NATURALISMO E CIÊNCIA EM “A CARNE”

O livro “A carne” tem em seu cerne discussões que permeavam a sociedade do final do século XIX. Uma sociedade que cada vez mais buscava certa racionalidade, baseada em preceitos científicos e pseudocientíficos, mas que ainda era extremamente preconceituosa e elitista. Os personagens do livro são pessoas abastadas e por isso têm uma boa educação:

A ciência afetou profundamente a arte do oitocentos e forneceu à ficção um discurso de autoridade que podia defendê-la dos ataques dos moralistas, assim como justificar uma enunciação impessoal e objetiva, como alternativa ao narrador deísta, onipotente e onipresente do romance realista tradicional. O narrador naturalista buscava ser impessoal e objetivo, mas sem onipotência e onipresença. (MENDES, 2014, p.34)

A educação dos personagens principais, baseada na ciência, traz para dentro da obra os conceitos que permeavam a vida acadêmica na época da publicação do livro. É comum em alguns trechos que o personagem se expresse como alguém que defende uma tese científica perante seus pares, exemplo disso é quando “Barbosa” fala da possibilidade de envenenamento da escrava “Maria Bugra”, nessa passagem ele cita alguns autores para corroborar sua ideia.

A divulgação científica e suas novidades ficavam sempre reservadas à elite, que estudava nas melhores universidades do mundo e estava em contato com as modificações que aconteciam no mundo, naquela época. Porém, essa mesma elite tentava manter seu poder quase feudal em suas fazendas.

A racionalidade e a ciência empírica ganharam força na sociedade européia da segunda revolução industrial (HOBBSAWM, 1988). Isso levou a disseminação das chamadas ciências empíricas aos estudantes das elites. Na obra, vemos que a relação entre o casal principal e o conhecimento é bastante abordada.

Voltando ao autor, vemos algumas indagações que podemos fazer sobre a tessitura do texto, visto que o autor é um admirador do escritor Emile Zola, que é conhecido por ter um entendimento do romance como uma forma de criação científica, quando o mesmo disse “Se a medicina, que era uma arte, torna-se uma ciência, por que a literatura, usando um método experimental, não poderia tornar-se uma ciência?” (ZOLA, 1904, p. 38). Ou seja, ele via que a literatura também poderia passar pelo método científico estudando casos, base essa do naturalismo. Esse modelo de romance naturalista no seu contato com o cientificismo não era bem reconhecido pelos escritores fora de sua esfera de influência.

Nossa hipótese é que a resistência ao romance naturalista visava preservar o vínculo da literatura (e dos escritores) com a dimensão do sagrado, que vinha do imaginário romântico. No naturalismo a literatura era “rebaixada”,

sexualizada, banalizada e retalhada por discursos concorrentes (sendo o cientificismo o mais notório) [...]. (MENDES, 2014, p.28)

É nesse contexto que entra esse romance, em que vemos traços de estudo de caso em que o empirismo de Lenita possui traços fortes de sadismo, pois ela deseja ver a dor e tem prazer em ver a dor do outro, mas diz a si mesma que é apenas uma experiência para buscar conhecimento.

A partir daqui selecionamos alguns trechos da obra em questão para demonstrar como a medicina também é uma ciência bastante utilizada pelo autor no seu texto, aparecendo acompanhada de noções de anatomia.

No trecho a seguir a personagem está ferida após uma picada de uma cobra, em seguida vemos a chegada de Barbosa e este faz os primeiros socorros, constatando que nenhuma artéria principal foi afetada. O autor usa de conhecimentos de anatomia para descrever com grande precisão os eventos, colocando na boca do personagem conhecimentos anatômicos e utilizando-se até mesmo de técnicas retrógradas, já na época.

- Não há de ser nada; disse. Nenhuma veia importante foi tocada. A precaução que tomou de atar a perna com esta fita foi excelente. Agora, nada de acanhamento, entregue-se a mim deixe-me fazer o que entendo. Tirou do bolso um charuto, trincou-o nos dentes, mascou-o, encheu a boca de tabaco dissolvido em saliva, tomou de novo o pé de Lenita, com respeito, com adoração quase, chegou-lhe a boca, entrou a sugar-lhe a ferida a sorvos vagarosos, contínuos, fortes. (RIBEIRO, 2014, p.144)

O termo racional, que é dito no último parágrafo do trecho, é um importante gancho para uma discussão acerca do momento histórico da escrita e posterior lançamento do romance. Vivíamos em um período em que o positivismo influenciava muito a vida social, principalmente a vida acadêmica.

Essa racionalidade como diz SANTOS (1988, p.48):

O modelo de racionalidade que preside a ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, e só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes.

Desse modo as ciências humanas e humanidades, que tomaram corpo no século XIX, tiveram que se adaptar, ou até mesmo constituir sua epistemologia usando esse viés racional. Nesse campo entra também o naturalismo que, como já ressaltamos, usou de pontos desse modelo de racionalidade em suas obras. Nesse apoderamento de métodos RODRIGUES (2009) ressalta:

Zola tomou das ciências naturais o termo *naturalismo*, que era empregado no meio literário desde Balzac (1799-1850), para designar a sua peculiar concepção realista. O termo referia-se a princípio aos estudiosos da botânica e da zoologia, mas seu sentido foi estendido ao estudo das sociedades, ou mesmo à vontade de entender suas mudanças, principalmente no que referia ao método de estudo – com dissecações, classificações, esquematizações, estabelecimento de correlações, estudo da evolução etc. (RODRIGUES, 2009, p. 103)

O próximo trecho também carrega uma imagem de conhecimento e força para o personagem masculino, que alimenta o ideal de homem forte e culto, mostrando assim o motivo pelo qual Lenita se apaixona por ele. Toda essa questão vem mais uma vez da formação de uma tese científica de como acontecem os fenômenos sociais e naturais:

Barbosa tomou a espingarda, aperrou-a, aproximou-se do reparo, olhou pela porta, levou a arma à cara, fez fogo. Depois entrou e saiu logo com a cobra, morta, suspensa pela cauda. Tinha de seis a sete palmos, era muito grossa, um crótalo medonho, um monstro. (RIBEIRO, 2014, p.144)

A descrição precisa da serpente também é uma forma de demonstrar outra ciência em que os personagens possuem conhecimento, chamada na época de história natural, que depois passou a ser chamada de Biologia. Todos esses conhecimentos são colocados à prova demonstrando que o homem racional é um homem superior, que consegue dominar a natureza, ao mesmo tempo em que não consegue dominar seus instintos.

Ao dar com Lenita, pálida, sentada no chão da ceva, sem espingarda, com o pé descalço, ficou pasmado, não sabendo o que pensar.

- Que tem, Lenita, que lhe aconteceu, perguntou acercando-se, ansiado.
- Estou picada de cobra.
- Não me diga isso, não brinque assim.
- É sério.
- Onde é que está picada?
- Aqui no pé, veja.
- Sabe que cobra foi?
- Cascavel.
- Barbosa empalideceu; por um momento ficou como atordoado. Dominou-se, porém, logo ajoelhou-se, tomou o pé de Lenita entre as mãos, examinou detidamente. (RIBEIRO, 2014, p.144)

A partir da citação da obra acima, constata-se que a ciência, ou a percepção de ciência do final do século XIX, moldou a criação do romance “A carne” desde a escolha de simples diálogos, culminando no desfecho do livro. O autor buscou criar um romance-tese, baseado no romance experimental de Emile Zola. Júlio Ribeiro sempre se declarou um admirador desse escritor francês, e usou da sua escrita em “A carne” para se aproximar do seu mestre.

Corroborando com essa ideia de romance-tese, vemos que em outros pontos do texto o autor chega mesmo a fazer uma pequena “revisão” da literatura botânica, criando referências e justificando suas ideias através de autores:

Cientificamente a figueira do inferno chama-se Dotura stramonium: extrai-se dela um alcalóide venenosíssimo, a que se chama doturina: Ladenburg, porém, e Schmidt verificaram nestes últimos tempos que a daturina é pura e simplesmente a atropina, a mesma letal atropina que se obtém da beladona. (RIBEIRO, 2014, p.126)

Dessa forma, a obra literária caminha para se tornar mais uma ciência social e com isso ganhar o status de ciência propriamente dita.

Houve, durante o século XIX, uma emancipação de muitas ciências sociais/humanas, criando epistemologias baseadas no positivismo, mas que com o

tempo se distanciaram do método experimental, como exemplo, temos a História e a Geografia. A literatura viu no naturalismo uma tentativa de criar uma literatura ancorada no princípio experimental das ciências exatas.

Nessa discussão também está o Romantismo, que serviu como base para a busca de origens comuns em países que estavam em formação, ou seja, essa fase da literatura contribuiu e muito para a formação de países como a Alemanha e a Itália, na Europa, formando suas identidades nacionais. Se essa literatura romântica serviu de base para a criação de identidades, não seria impossível tornar essa literatura naturalista em uma divulgação científica, introduzindo outras temáticas na literatura como observa RODRIGUES (2009) sobre as obras de Zola:

Partindo da escrita realista, utilizando temas como hereditariedade, devir histórico, determinismo, darwinismo e organicismo, buscando a expressão justa, que se refinava a cada obra, produziu de forma profusa, transbordante. Livros se seguiam, assim como artigos sobre a própria literatura, peças de teatro, depois tratados teóricos; artigos sobre a política e a necessidade de se engajar pela justiça, denunciar a miséria – sempre desconfiando da política partidária e da violência. (RODRIGUES, 2009, p. 41)

Como ressaltamos, a importância de Zola pode ser percebida pelo fato de que foi ele quem sintetizou esse pensamento de tornar a literatura uma divulgação das ideias científicas. E nesse ponto está o romance de Júlio Ribeiro, que em sua constituição divulga novidades das ciências. Através de seus personagens faz discursos e discussões baseadas e replicadas por cientistas da época, além de fundamentar cada uma das falas dos personagens, quando estes estão falando sobre algo de alguma ciência. Sobre essa abordagem, Ferreira (2011) justifica que o naturalismo não encontrou grandes ecos no Brasil por justamente usar os mesmos métodos de Zola: “O que talvez boa parte da crítica não percebeu é o fato de que em nosso país o Naturalismo teria que se modificar caso quisesse frutificar.” (FERREIRA, 2011, p.13).

O trecho que fala da descoberta do autor dos crimes que estavam ocorrendo na fazenda é muito interessante para essa nossa discussão, pois é cheio de referências a pensadores. Dentre eles está o químico alemão Albert Landerbug, que foi usado para exemplificar o poder da planta causadora das mortes. Ou seja, o autor referencia diretamente cientistas, usando seus personagens para isso, tornando assim sua história, segundo seus ideais, mais crível e assim com mais valor científico.

A literatura, neste contexto, se torna um instrumento para divulgação científica, o autor pode se amparar nela através de seus personagens e divulgar novos modelos científicos, novas teorias ou pode até experimentar, criando um ambiente social insólito, podendo desenvolver através de seus escritos um experimento social, aplicando apenas ao universo de seus personagens.

3. A ESCRAVIDÃO NA OBRA “A CARNE”

A obra de Júlio Ribeiro não tem na escravidão seu tema principal, mas se apropria dela como seu plano de fundo, denunciando em certo ponto as atrocidades cometidas com os escravizados em torturas descritas de forma contundente. Como ressalta ALVES (2012), a literatura brasileira sempre debateu os temas que afligiam a sociedade brasileira, sobretudo no século XIX: “A Literatura Brasileira do século XIX, marcada inicialmente pelo Romantismo e depois pelo Naturalismo e pelo Realismo, registrou os costumes e a vida da sociedade brasileira daquele período.” (ALVES, 2012, p. 17,18)

Apesar de posarem como evoluídos intelectualmente, seus personagens enxergam a escravidão como algo naturalizado. Lenita, a personagem principal, apresenta um sadismo bem aparente ao ver um escravo sendo castigado. A jovem intelectual sente prazer ao ver o homem negro sofrendo. Apesar de ter estudado bastante, a escravidão é algo banal para ela. Em outra passagem do romance, a figura do homem negro é representada como feia e assustadora, demonstrando o preconceito e a aversão que os personagens possuem para com as origens dos escravizados que ali residem.

Vamos expor de maneira cronológica alguns registros de maltratados e descrições dantescas dos escravizados por parte dos ditos personagens intelectuais. Primeiro temos que nos ater ao conhecimento científico da época, bem como as pseudociências, como é o caso da frenologia. Neste contexto entra também o Determinismo, bem como as bases do futuro das ideologias racistas do século XX.

Mas o próprio narrador descreve de maneira não humana alguns pretos, vamos primeiro ao personagem Joaquim Cambinda:

Era horroroso esse preto: calvo, beijudo, maxilares enormes, com as escleróticas amarelas, raiadas de laivos sangüíneos, a destacarem-se na pele muito preta. Curvado pela idade, tardo, trôpego, quando se erguia e, envolto na sua coberta de lã parda, dava alguns passos, semelhava uma hiena fusca, vagarosa, covarde, feroz, repelente. Tinha as mãos secas, aduncas; os dedos dos pés reviravam-se-lhe para dentro, desunhados, medonhos. (RIBEIRO, 2014, p.89)

Podemos ver que o narrador o descreve de uma maneira que, além de desumanizar, ainda ressalta de maneira preconceituosa algumas características dos indivíduos, fazendo uso de descrições animais. Esse tipo de descrição é comum no naturalismo, mas são reforçadas quando dirigidas a pessoas consideradas inferiores pela sociedade branca escravagista.

Joaquim Cambinda é um antagonista e suas motivações levam em conta as resistências que os escravizados africanos praticavam contra seus senhores. Em um dado momento, quando descoberto que o escravo idoso assassinou os escravos da fazenda, ele exclama: “Já que principiei a falar, irei até o fim. Sinhô é bom para mim, é verdade, mas sinhô é branco, e obrigação de preto é fazer mal a branco sempre que pode”. (RIBEIRO, 2014, p.129). Ou seja, sua intenção era prejudicar o senhor da fazenda.

A historiografia está repleta de relatos de resistências por parte dos africanos escravizados. O modo como essa resistência é apresentada no livro é muito

importante para a trama, pois as motivações do antagonista estão ligadas diretamente a sua condição de escravizado. Sendo assim, os atos de Joaquim Cambinda estão ligados a sua resistência contra a escravização.

O Joaquim Cambinda acaba sendo destroçado pela enfurecida multidão negra, que havia perdido seus parentes perante sua magia, venenos e afins. Esse personagem causa horror nos escravizados, pois seus ataques, apesar de causarem prejuízo ao senhor, ainda assim atingiram muito os escravizados, pois os feriram de morte.

O antagonista ainda argumenta que seu objetivo, além de reduzir a riqueza do seu senhor, era também obrigar seu senhor a se servir “Para sinhô ficar pobre: eu queria ver sinhô se servir por suas mãos.” (RIBEIRO, 2014, p.129). Para além do ressentimento da escravização dos homens negros, havia também a humilhação da servidão, e para esse homem seria necessário aplicar ao dono da fazenda a servidão que ele aplicava sobre os escravizados.

O personagem Joaquim Cambinda nos permite pensar em outra questão muito comum à época da publicação de “A carne”: a repressão às religiões de matrizes africanas. A maioria das referências a essas religiões são marcadas por termos preconceituosos, como quando o coronel lhe acusa de ser o assassino dos escravizados “Se você não confessar tudo o que tem feito, aqui, direitinho mando-o acabar a bacalhau, sô feiticeiro do diabo!” (RIBEIRO, 2014, p.128). A palavra “feiticeiro” é cinco vezes citada na obra. Todas em relação aos negros e quatro vezes a Joaquim Cambinda.

Outro ponto que é colocado no texto são os castigos físicos aos escravizados, descrevendo com crueza as práticas de açoites, demonstrando toda a crueldade aplicada aos cativos:

Publicado em 1888, o romance *A Carne*, de Júlio Ribeiro, detalha a ciência arquitetônica do tronco e da chibata como se fossem os mais vis instrumentos de submissão. Detalhes que parecem servir para atacar, com sua descrição naturalista, os últimos pudores escravistas de seus leitores, ou para fazê-los recordar de um prazer que deixará de existir. (IVANO, 2009, p. 5/6).

Nesse momento Lenita, protagonista da obra, age com grande sadismo, chegando a ter um orgasmo vendo um cativo ser açoitado brutalmente:

Lenita sentia um como espasmo de prazer, sacudido, vibrante; estava pálida, seus olhos relampejavam, seus membros tremiam. Um sorriso cruel, gelado, arregaçava-lhe os lábios, deixando ver os dentes muito brancos e as gengivas rosadas. (RIBEIRO, 2014, p.55).

O narrador estabelece com a descrição uma correlação entre o desejo sádico da protagonista com o açoite que o negro sofria. O sadismo de Lenita segue: “Querida, como as vestais romanas no ludo gladiatório, ter direito de vida e de morte; queria poder fazer prolongar aquele suplício até à exaustão da vítima; queria dar o sinal, pollice verso, para que o executor consumasse a obra.” (RIBEIRO, 2014, p.55) Ou seja, a personagem Lenita usufruiu do seu poder para satisfazer seus desejos sádicos:

[...]como observa Júlio Ribeiro em *A Carne* –, quando o próprio escravo não era mais a força de trabalho da economia capitalizada. Ainda escravo, ainda destituído de estatuto jurídico, somente a sua humanização poderia acenar para sua condição de pessoa, de ser constituído de razão e instituído de direitos. O arcaísmo do suplício é a resistência a essa humanidade. (IVANO, 2009, p. 8)

O caso de sadismo de Lenita nos remete a casos reais comentados na historiografia, como o da Casa da Torre (MOTT, 2010). Em seu livro, o historiador Luiz Mott relata o sadismo do Garcia d'Ávila em suas torturas cruéis aos escravizados, inclusive em açoites a crianças. Ou seja, esse sadismo está também documentado em nossa historiografia.

Além disso, nesse momento histórico o movimento abolicionista se tornava cada vez mais efetivo. O livro foi lançado no ano da abolição. Uma descrição venal da tortura a um escravizado seria uma denuncia contra os horrores da escravidão.

O naturalismo apresenta a escravidão com a cara mais crua que o Romantismo, descrevendo-a com todas as suas nuances. Desde o trabalho exaustivo, perpassando pelo tratamento desumano e desembocando nas torturas, e relata ainda as resistências dos escravizados.

Foucault (1991) fala do repúdio à tortura como algo não moderno no século XIX. No século XIX, a escravidão e o modelo mercantilista brasileiro, baseado na mão de obra escrava, começam a ficar superados:

No fim do século XVIII, a tortura será denunciada como resto das barbáries de uma outra época: marca de uma selvageria denunciada como “gótica”. É verdade que a prática da tortura remonta à Inquisição, é claro, e mais longe ainda do que os suplícios dos escravos. (FOUCAULT, 1991, p.57)

Nesse ponto, o movimento abolicionista ganhou muitos adeptos nos meios culturais do Brasil. Podemos, desse modo, afirmar que algumas obras literárias denunciaram, em sua trama, o uso de tortura contra os escravizados e a urgência da abolição.

Nosso entendimento vem corroborar com alguns diálogos mais veementes do livro, nestes a crueldade e o açoite sem ressalva são empreendidos sobre o corpo supliciado. Mesmo que no livro a punição física não seja pública como forma de demonstrar o medo nos escravizados, o seu praticar incute que as penas de açoites eram frequentes e que o coronel as praticava de modo a reafirmar seu poder perante os escravizados.

Quando discutimos esse ponto a partir da temática dos corpos dóceis de Foucault (1991), percebemos que os corpos dos escravizados são estimulados a obedecer pela punitiva. E em certo ponto, vemos que as pessoas que estão inseridas no meio legitimam o poder de ordenar a tortura pelo senhor dos escravos. “Você não chama por Nossa Senhora quando trata de fugir”, gritou impaciente o caboclo. Vamos, vamos acabar com isto, ande.” (RIBEIRO, 2014, p.55). O poder de supliciar era legitimado pelo discurso da propriedade escrava.

Como podemos observar, a escravidão no romance “A Carne” traz consigo muitos subtextos, como a denuncia do sadismo dos seus senhores, além de como o

preconceito com as religiões de matrizes africanas era arraigada na sociedade daquela época.

Podemos assim criar alguns paralelos entre a sociedade da época e suas contradições, principalmente em seus protagonistas que eram amantes das ciências, mas, que ao mesmo tempo usufruíam da propriedade escrava, ou seja, a erudição não era suficiente para entender que a escravidão era uma barbárie.

A personagem Lenita, mesmo que muito culta, sentia prazer em ver uma cena dantesca de um indivíduo retalhando outro com um chicote. Ela ressalta que a dor do indivíduo ainda foi pequena para suas necessidades de ver o sofrimento alheio. Esses personagens mostram suas contradições e isso é o intuito do autor, pois era necessário chocar a sociedade e assim angariar leitores.

4. A SUBJETIVIDADE EM “A CARNE”

A palavra “subjetividade” não é muito atrelada ao naturalismo quando o abordamos em nossas pesquisas, escritos ou até mesmo no senso comum, sempre falamos de um movimento que aborda a racionalidade, pois seu discurso é baseado na descrição de um mundo e fica centrada na leitura que o autor tem dele:

O romancista naturalista, em razão dessa disciplina, não precisava assumir a atitude do pregador, no seu intuito rebelde: bastava-lhe a transposição da realidade, na sua crueza, na sua brutalidade e nos seus atos vis, para que daí se inferisse a necessidade da transformação social que era o alvo da Revolução. (COUTINHO, 1986, p.74).

Mas isso não tira a subjetividade do autor, pois o sujeito enunciador não consegue se tornar um mero narrador sem emoção. Nesse ponto, SANTANA (2009) afirma que essa subjetificação por parte do enunciador se faz presente em muitos romances naturalistas, como por exemplo, “O cortiço”, de Aluísio Azevedo.

O enunciador acaba colocando subjetividade, principalmente através de algumas palavras, como substantivos, advérbios e principalmente de adjetivos. Nesse sentido, vemos que a busca pela neutralidade completa é ineficaz, pois a mesma é impossível em um texto literário, onde a construção subjetiva impera.

Porém, qual a relação dessa tentativa de ruptura com a subjetividade e o nosso objeto? A relação está na tentativa de produzir uma obra cada vez mais bloqueada de subjetividade. Nesse sentido, o autor tenta se distanciar do seu objeto como faziam os cientistas naturais. Essa técnica também foi exercida pelos positivistas e pelos cientistas sociais do final do século XIX.

Falando em subjetividade, o autor trabalha bastante a moral dos personagens que, apesar de demonstrarem vastos conhecimentos, ainda se submetem à moral da sociedade. Ou seja, o indivíduo segura seus instintos para agir dentro das normas impostas pela sociedade porque, mesmo escolarizado e pensante, se sente produto do meio, evidenciando o determinismo.

Nessa discussão de dominar os instintos, vamos adentrar a mais um trecho, dessa vez, avançando bem para a parte final do livro. Vamos ao momento em que Barbosa comete suicídio. Sobre isso, cabe destacar que o sociólogo Emile Durkheim fez um grande estudo sobre o tema anos depois da publicação do livro “A carne”, ou

seja, podemos analisar que o suicídio era um tema recorrente nas mesas de discussões entre os acadêmicos. O suicídio nesse estudo de DURKHEIM é encarado como: “Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado.” (DURKHEIM, 1977, p.14)

Mais uma vez vemos a descrição quase biológica da ação do veneno no organismo e seus efeitos práticos. Além disso, ficamos a par das emoções do autor do suicídio (Barbosa) e seus remorsos e intenções. O texto vai da descrição minuciosa do ato de injetar o veneno em seu corpo até as emoções, pois ele chega a sorrir quando o ato de inoculação chega ao fim. Como detentor do conhecimento, o suicida deixa claro que aquilo é veneno e que os incautos não devem tocar naquilo.

Uma descrição de um ato de suicídio deixaria a nossa sociedade atual chocada, desse modo, podemos presumir que isso escandalizou a sociedade brasileira do século XIX. Como ressaltamos acima, esse tema, apesar de estudado na época, era um tabu na sociedade. Ou seja, como ressaltamos acima, o autor cria um romance-tese, um estudo científico através da literatura, tratando de vários conceitos da vida humana em uma visão científica e com um distanciamento do fato, como era exigido das ciências humanas na época.

A descrição do suicídio é minuciosa, com detalhes de todo o processo de envenenamento. RIBEIRO (2014) descreve todo o processo que Barbosa precisou fazer para atentar contra a sua própria vida, além disso, as motivações por parte de Barbosa para tal ato joga luz na nossa discussão. Realmente, o processo de subjetificação, apesar de reprimido, faz parte do naturalismo.

A criação de personagens como experimentos sociais, como discutimos no tópico anterior, permitiu aos escritores buscarem uma subjetividade ligada às pessoas comuns e seus dilemas se livrando dos personagens idealizados contidos no romantismo. Sendo assim, vemos personagens fracos perante a sociedade e seus próprios sentimentos, e Barbosa é essa pessoa, pois não consegue ficar sem sua amada e assim comete suicídio, sendo esse não um ato sublime como Julieta de Shakeasper, mas um ato covarde.

Desse modo, podemos pontuar que o naturalismo cria um novo modelo de falar de subjetividade ou de colocar a mesma em suas obras. A partir daqui vamos analisar esse subjetivismo na descrição do suicídio de Barbosa.

Como ressaltei acima, a descrição é bem minuciosa, vemos aqui alguns detalhes:

*Quando inspissou-se a solução, assumindo a cor carregada de café forte, Barbosa encheu com ela a seringa.
Tomou de novo o escarificador, engatilhou-o, aplicou- o sobre a face interna do antebraço esquerdo, premiu o botão.
Ouviu-se um estalo abafado.
Barbosa retirou o escarificador.
Um pequeno traço, fino como um cabelo, desenhava-se-lhe negro na alvura da cútis. (RIBEIRO, 2014, p.200)*

Nesse trecho o autor vai demonstrando cada passo do seu personagem no seu caminho para acabar com sua vida. Apesar da crueza da escrita, vemos que o

mesmo ainda faz analogias sobre as cores. Ou seja, a perspectiva artística da escrita ainda está presente na obra, mesmo que o autor a tente suprimir. Isso nos leva a pensar que mesmo que o autor tente de todo suprimir qualquer forma de subjetividade, a escrita em si não o permite.

Com a evolução da descrição, vemos que o veneno vem a funcionar, e Barbosa começa a demonstrar um pouco de remorso no momento em que já não existe mais volta. Em toda essa parte do texto, o autor tem o cuidado de não fazer juízo de valor sobre o ato, mas o personagem carrega em si uma culpa com relação aos pais.

Esse remorso pode ser uma forma tímida quando ele se precavém deixando um papel referenciando que aquele material era veneno. Nesta passagem, percebemos que em seu momento de recusa da vida, Barbosa ainda se preocupava com seus entes queridos. Ou seja, por mais crua que seja a descrição do autor, ele sempre coloca traços de subjetividade em sua obra.

Com o passar do tempo do atentado de Barbosa a própria vida, somos agraciados com uma descrição minuciosa e angustiante dos últimos minutos de vida do personagem:

Passaram-se dois minutos.
Barbosa nada sentia, absolutamente nada.
Quis ver a cesura, tentou chegar o braço à altura dos olhos. Não pôde. O membro paralisado recusava-se à ordem do cérebro.
Tentou o mesmo com o braço direito, quis mover as pernas: igual impossibilidade.
Tentou sacudir a cabeça, fechar e abrir os olhos: sacudiu a cabeça, fechou e abriu os olhos.
Passaram-se mais alguns minutos. (RIBEIRO, 2014, p.200/201)

Nessa descrição vemos o pesar da morte chegar sobre Barbosa e o autor faz questão de fazer uma descrição claustrofóbica que nos coloca em transmissão de pensamento com o personagem, sofrendo sua desventura. A neutralidade naturalista se esvai na descrição de uma cena tão dantesca e com grande precisão.

O autor faz analogias, deixando de lado uma fria descrição como deveria ser de um suicídio, criando uma descrição poética mórbida localizada nos pensamentos finais de Barbosa:

Lembravam-lhe, acudiam-lhe de tropel à memória as metamorfoses mitológicas de homens, de mulheres em árvores, em rochedos.
O sonho extravagante da imaginação doentia dos poetas helenos era traduzido em realidade palpitante, era excedido no domínio dos fatos pela ação misteriosa do veneno americano. (RIBEIRO, 2014, p.201)

Ou seja, vemos que desse modo a imaginação e criatividade do autor se torna primaz na narrativa, libertando-se de uma narrativa acanhada baseada em uma descrição fria de um distante narrador insensível ao acontecimento, como preconizava a epistemologia da época.

A passagem final da vida de Barbosa rodeada por alucinações é chave para entendermos como ele era versado em mitologia grega e como isso era bem visto na época, cabendo ao autor ressaltar pela boca do seu personagem o seu conhecimento erudito.

Por mais que desejassem criar uma obra em que a princípio seria apenas uma descrição dos fatos, e posteriormente se tornaria objeto de estudo através da observação deles, os naturalistas caíam na barreira de que, para criar um personagem com todas as suas nuances, era necessário dar a ele uma personalidade, e, sendo assim, não seria capaz de ser totalmente imparcial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Júlio Ribeiro foi um marco na literatura brasileira, criando e constituindo muitas nuances que seriam alvo de estudos e críticas, mas principalmente serviriam de referência para entendermos como a literatura naturalista era produzida, sobretudo como se dava a amplitude das influências de Émile Zola no Naturalismo Brasileiro.

Nesse ponto, caminhamos discutindo parte destas nuances. Em um primeiro momento apontamos como a influência de Zola e das ciências moldou a narrativa de “A Carne” demonstrando como uma obra literária é filha de seu tempo. Ou seja, um ser humano, na maioria dos casos, estará inserido nas ideias e pensamentos de seu tempo. O contexto histórico de uma época será primordial para entendermos um livro.

Depois discutimos sobre a escravidão como parte inerente da obra e sua relação com o contexto histórico da época, bem como o naturalismo e sua forma de lidar com as questões sociais, tudo isso utilizando as tramas do romance como base para um entendimento das questões que pairavam sobre o pensamento da sociedade do final do século XIX.

Por último, falamos da subjetividade na narrativa naturalista através de trechos contidos em “A Carne”. Mesmo que os autores tentassem se afastar da subjetividade, pois tornaria o texto menos científico a subjetividade emergia dentro dos textos, sobretudo nos diálogos e analogias. Desse modo, demonstramos que o subjetivo era renunciado através de uma narrativa focada em temas não usuais da literatura romântica, mas que estava na nova forma de construção de estórias.

Todos esses questionamentos que foram discutidos nos tópicos anteriores vêm de uma questão central que abordamos. Quais foram as influências da ciência da época na obra “A Carne”? Nesse ponto podemos perceber que a ideia de ciência ou até de algumas pseudociências do contexto histórico estava bastante inserida na obra.

Quando abordamos a ciência no contexto do livro “A Carne”, demonstramos como os conhecimentos científicos estão presentes na obra, desde a personalidade dos protagonistas, perpassando pelo modelo de narrativa usado pelo autor. Isso pode nos fazer entender como o discurso científico e/ou positivista moldou as escritas em torno do naturalismo brasileiro, como um dos condicionantes que alterou as abordagens e temas para a produção de romances.

Nosso texto demonstrou que essa ciência foi abordada de maneira a criar realmente um romance-tese. Sendo assim, trabalhamos visando demonstrar os pontos principais dessa criação baseada nas ideias de Emile Zola.

Além disso, podemos acrescentar que as recepções foram pouco agradáveis à obra. Visto primeiramente como despuadorado por colocar uma senhorita da alta sociedade como uma devassa que tinha prazeres não românticos, além de se envolver com um homem casado. Sem falar no fato de que ela não foi criada diante de uma educação voltada para o casamento cujos ensinamentos estariam voltados para os afazeres domésticos como cozinhar e costurar. A moça recebeu uma educação voltada para o âmbito acadêmico que, na época, só caberia aos homens. Ou seja, era contra todos os padrões de comportamento da época, gerando repulsa em parte da sociedade e dos críticos contemporâneos ao lançamento do livro.

Os exemplos acima podem nos apresentar uma futura questão a ser estudada: Como a recepção dessa obra gerou controvérsias na sociedade brasileira? Além disso, podemos investigar como o modelo de escrita foi recebido pelos pares do autor, como foi encarada essa aproximação entre a escrita de Emile Zolá e sua construção do romance científico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcos Francisco. **Os romancistas da Abolição**: representação do escravo e discurso abolicionista nas obras de Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 3 ed. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1986.

DURKHEIM, É. **O suicídio**: Estudo sociológico. Trad. de Luz Cary, Margarida Garrido e J.Vasconcelos Esteves. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

FERREIRA, Cassio Dandoro Castilho. **Uma Leitura do Romance Naturalista Brasileiro: Entre o Folhetim e a Ciência**. Curitiba: Abralic, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Ligia M. Ponde Vassallo. 9ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

IVANO, Rogério. **O corpo Supliciado: dores e horrores da escravidão negra africana na literatura brasileira (1871-1895)**. *Histórica*. São Paulo, n.36, Ano 5, p.1-9, jun. 2009.

MENDES, Leonardo Pinto. JÚLIO RIBEIRO, O NATURALISMO E A DESSACRALIZAÇÃO DA LITERATURA. **Pensares em Revista**, São Gonçalo, v. 1, n. 4, p. 26-42, 12 dez. 2014. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MOTT, Luiz. **Bahia: inquisição e sociedade** [online]. Salvador: EDUFBA, 2010. 294p

RIBEIRO, Júlio. **A Carne**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014. 215 p.

RODRIGUES, Marília Mezzomo. **FILHO DE TIGRE SAI PINTADO**: medicina, hereditariedade e identidade nacional em textos de erico verissimo. 2009. 184 f.

Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANTANA, Messias dos Santos. Um exemplo de subjetividade na literatura naturalista: o envolvimento do narrador de o cortiço na apresentação de fatos narrados. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 9, p. 1-14, dez. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 46-71, ago. 1988. FapUNIFESP (SciELO).

ZOLA, Emile. **O Romance Experimental**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1904.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Luciano Barbosa Justino pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos professores Edson Tavares e Ana Lucia por participarem da banca.

Ao meu esposo Cezar, meu pai José Guilherme, a minha mãe Maria de Fátima, aos meus irmãos Anderson e Douglas, pelo apoio dado ao longo desses cinco anos de graduação.

Aos meus avós maternos Madalena e Horácio (*in memoriam*), embora fisicamente ausentes, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos professores do Curso de Letras-Português da UEPB, em especial, a professora Alfredina, ao professor Domingos e a professora Kalina Naro, que contribuíram ao longo desses 5 anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento da minha formação.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, em especial as colegas Damares e Andreza